



CIBER-RELIGIÃO: A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS RELIGIOSOS NO CIBERESPAÇO

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho

Doutorando em História Social da Universidade de São Paulo (USP), mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), especialista em Marketing e Comunicação Social pela Fundação Cásper Líbero e graduado em História pela USP. Autor de *A grande onda vai te pegar: marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church* (Fonte Editorial, 2013). E-mail: edumeinberg@gmail.com

OBRA RESENHADA

MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos no ciberespaço*. São Paulo: Ideias & Letras, 2012.

O que ocorre com o corpo e o espaço nas experiências religiosas pela internet? Essa é a pergunta que dá norte a *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*, obra tecida por Jorge Miklos e publicada em 2012 pela Ideias & Letras. Miklos é doutor em Comunicação e Semiótica, e mestre em Ciências da Religião, ambos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Seu livro, de 160 páginas, é resultante de sua tese de doutoramento, denominada *A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião*, orientada pelo professor Norval Baitello Júnior e defendida em 2010.

Estruturalmente, além da introdução e das considerações finais, o livro é dividido em três capítulos, denominados “*Religare: formas tradicionais e o impacto da modernidade*”, “*Midiofagia: usurpação do poder divino*” e “*Ciber-religião: o sacrifício do corpo e do espaço*”.

Um primeiro ponto a se ressaltar na obra são as referências bibliográficas e as fontes utilizadas, que, notáveis, sinalizam uma interdisciplinaridade e são, em grande parte, recentes. O autor utiliza-se de fontes encontradas na própria rede, como o *blog* do Observatório de Mídia e os *sites* do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Vaticano, do padre Fabio de Melo e o dedicado ao Frei Galvão. Entre as referências bibliográficas nacionais, destacam-se Eugênio Trivinho, Malena Segura Contrera, Raquel Recuero, Alberto Klein, Norval Baitello Junior e Leonardo Boff; e entre as estrangeiras, Max Weber, Zygmunt Bauman, Pierre Levy, Jean-François Lyotard e Marc Augè.

Outro autor de realce na obra de Miklos é Paul Virilio. Com base nele, o autor do livro relaciona a velocidade no ciberespaço com a sacralidade, propiciando a percepção de uma *midiofagia* cujos meios eletrônicos interativos “devoram atributos divinos e transforma-os em seus”. Tal “devoramento” sinaliza para as hipóteses iniciais do autor, destacadas logo na introdução e que sugerem a dupla contaminação entre os âmbitos midiático e religioso, com a apropriação de um pelo outro, o que se identifica já no primeiro capítulo, que analisa o abalo sofrido pela experiência religiosa a partir do contato com a modernidade e que observa relações de interdependência entre *mídia religiosa* e *religião midiática*.

Tal dupla contaminação é aprofundada no capítulo seguinte, no qual o autor analisa a *midiofagia* citada, quando os meios de comunicação eletrônica interativa – especialmente computadores e outras tecnologias capazes de rede – *se alimentam* de atributos divinos como a onipotência, a onisciência e a onipresença, dando novos contornos a eles. Além disso, a comunicação mediada por tecnologias é objeto de culto e adoração, sendo a internet um sinônimo de fé, e a técnica, “o novo Deus sob o qual a humanidade se curva e busca suas referências e suas identidades” sem o qual não haveria salvação.

No terceiro capítulo, Miklos descreve a *ciber-religião*, aprofundando a utilização do ciberespaço pela religião e a apropriação da religião pelo ciberespaço. Para Miklos, o ciberespaço se insere na lógica de consumo, e a ciber-religião é orientada pelos desejos dos indivíduos consumistas e pela participação de religiões como o catolicismo nos espaços sociais, concorrendo com outras pela adesão de fiéis. Na ciber-religião, identifica-se um duplo sacrifício tanto do corpo como do espaço.

O primeiro sacrifício é demonstrado na metabolização de uma comunicação corpórea, gestual e física para outra, em que impera a imagem plana e bidimensional: para Miklos, na

ciber-religião, o corpo é sacrificado e abolido da experiência religiosa. O autor exemplifica tal imolação por meio dos rituais que envolvem velas e terços virtuais e que operam um deslocamento do *religare* tradicional para o culto do(ao) mercado e da(à) técnica.

A segunda vítima imolada, o espaço – imbricado com o tempo –, é, segundo o autor, eliminado nas *ciberperegrinações*, em que ocorrem, por meio de *sites* como o Google Street View (recurso do Google Maps e do Google Earth), travessias de nautas por caminhos santos, como Santiago de Compostela.

Mas se, por um lado, essas andanças impossibilitam a efetivação de um plano espaçotemporal, por outro, propiciam que as fronteiras do espaço sejam rompidas: o viajante do ciberespaço tem diante de si um universo de possibilidades de trânsitos, o que possibilita “percorrer o caminho da sua redenção sem precisar sair dos limites do seu espaço físico”. Ainda assim, qual o resultado dessa falta de imanência para o autor? A conversão da experiência religiosa em consumo, e não em transcendência: não apenas corpo e espaço são devorados pela ciber-religião, mas também todos os que estão envolvidos nela e por ela. Como se percebe, Miklos não tem uma visão redentora ou ufanista a respeito das relações entre o *religare* formado por Deus e pela humanidade, e um *religare* moldado pela humanidade e pelo ciberespaço: internet e outros equipamentos de rede são, antes de tudo, altares em que corpo e espaço são imolados pela ciber-religião.

Podemos indagar: o corpo e o espaço são mesmo sacrificados nas experiências religiosas no ciberespaço? Sem me atrever a responder a esse questionamento, algo é certo: Miklos apresenta os(as) estudiosos(as) das relações entre mídia e religião com um livro repleto de questões (de um tempo) em ebulição. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos no ciberespaço* é uma obra para ser mais do que simplesmente lida, estudada por pesquisadores(as) ávidos(as) em (re)pensar e dialogar a respeito das múltiplas negociações, dos agenciamentos e dos deslocamentos possíveis de indivíduos, coletivos e agências religiosas no ciberespaço.